

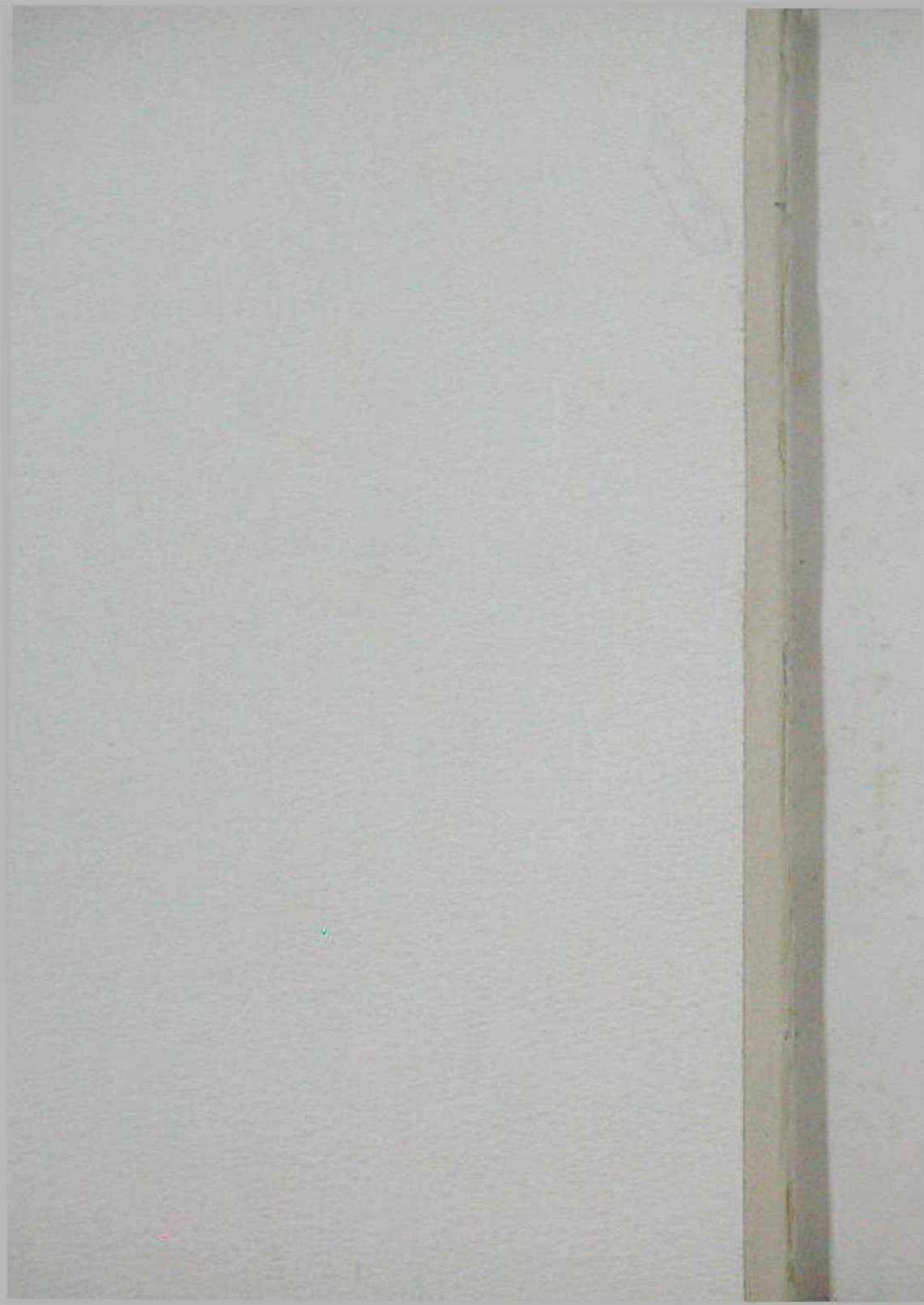
O CACA

Biblioteca Universitária
-UFSC-

DOR DE

✠ ESME

RALDAS



OLAVO BILAC

O CAÇA
DOR DE
 ESME
RALDAS

Boris Originalis
de
ENRICO BIANCO

CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

1949

OR
269.0(81) - J
B-595

Biblioteca Central - UFSC

Nº 145.229

Data 15/02/89



O CAÇADOR
DE
ESMERALDAS



TIRAGEM ÚNICA EM CENTO
E DEZENOVE EXEMPLARES

EXEMPLAR N.º 18
Impresso para

Edmundo da Luz Pinto



I



F

oi em março, ao findar das chuvas, quasi á entrada

Do outono, quando a terra, em sêde requeimada,

Bebêra longamente as aguas da estação,

Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata,

Á frente dos peões filhos da rude matta,

Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.



Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,

Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida,

No virginal pudor das primitivas éras,

Quando, aos beijos do sol, mal compreendendo o anseio

Do mundo por nascer que trazias no seio,

Reboavas ao tropel dos índios e das feras!



J

à lá fôra, da ourela azul das enseadas,

Das angras verdes, onde as aguas repousadas

Vêm, borbulhando, à flor dos cachopos cantar;

Das abras e da foz dos tumultuosos rios,

Tomadas de pavor, dando contra os baixios,

As pirógas dos teus fugiam pelo mar...



D

e longe, ao duro vento opondo as largas velas,

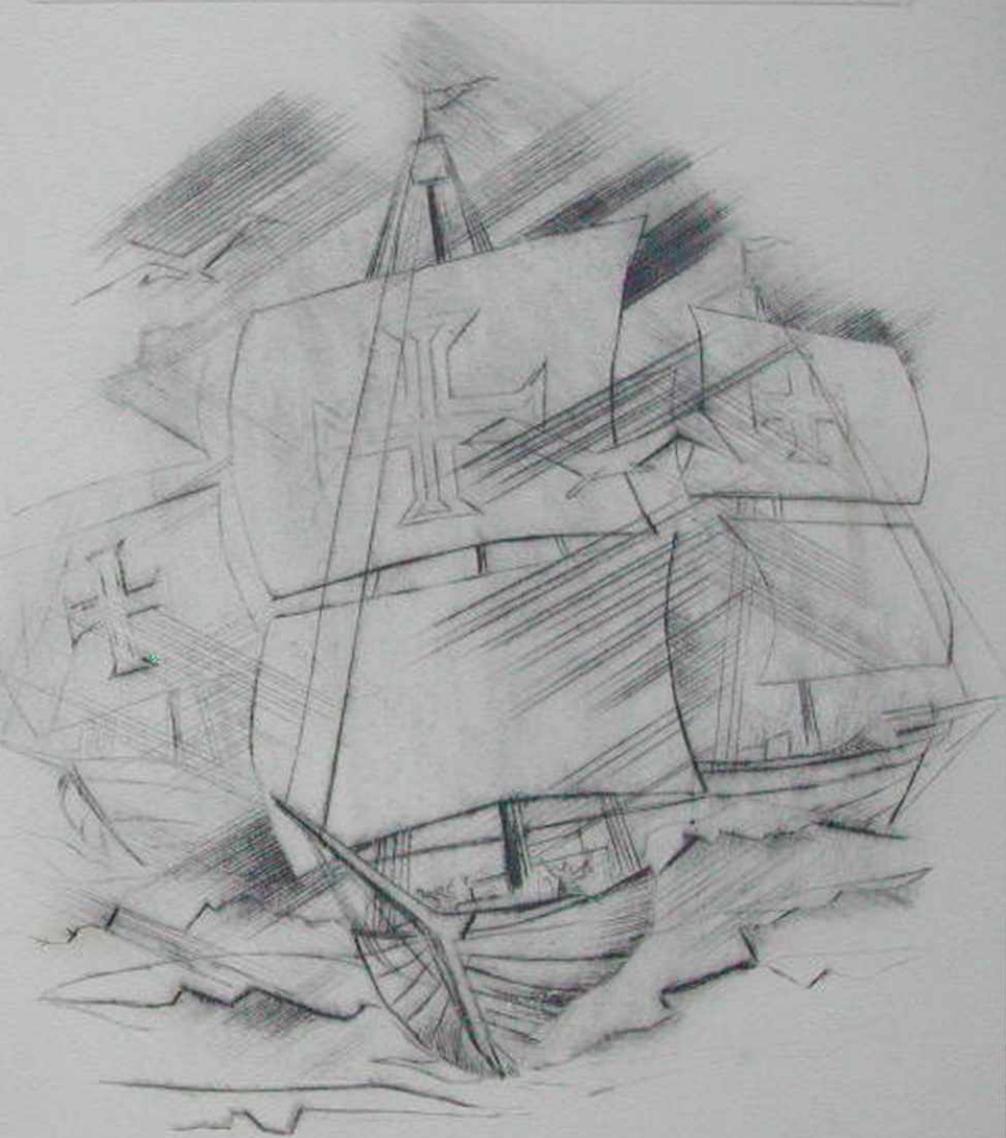
Bailando ao furacão, vinham as caravelas,

Entre os uivos do mar e o silencio dos astros;

E tu, do littoral, de rojo nas areias,

Vias o oceano arfar, vias as ondas cheias

De uma palpitação de prôas e de mastros.



P

elo deserto imenso e líquido, os penhascos

Feriam-n'as em vão, roíam-lhes os cascos...

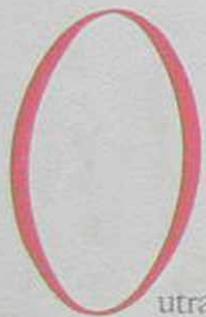
A quantas, quanta vez, rodando aos ventos máus,

O primeiro pégão, como a baixéis, quebrava!

E lá iam, no alvor da espumarada brava,

Despojos da ambição, cadáveres de náus...





Outras vinham, na febre heroica da conquista!

E quando, de entre os véos das neblinas, à vista

Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,

Os seus olhos, ó Patria, enchiam-se de pranto:

Era como se, erguendo a ponta do teu manto,

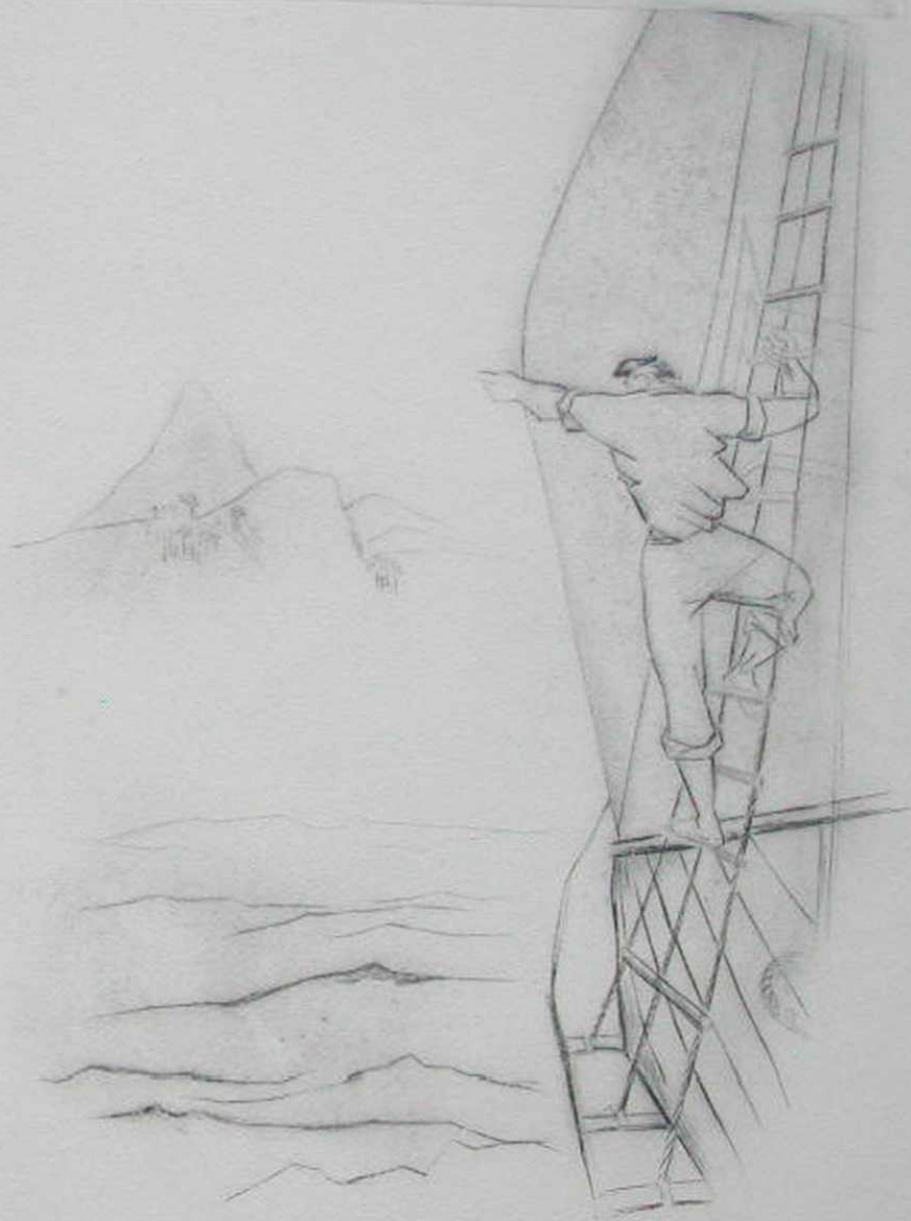
Vissem, à beira d'agua, abrir-se o Paraiso!

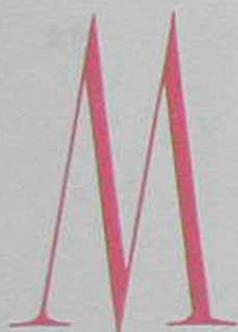




utras vinham, na febre heroica da conquista!

E quando, de entre os véos das neblinas, á vista
Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,
Os seus olhos, ó Patria, enchiam-se de pranto:
Era como se, erguendo a ponta do teu manto,
Vissem, á beira d'agua, abrir-se o Paraiso!





mais numerosa, mais audaz, de dia em dia,

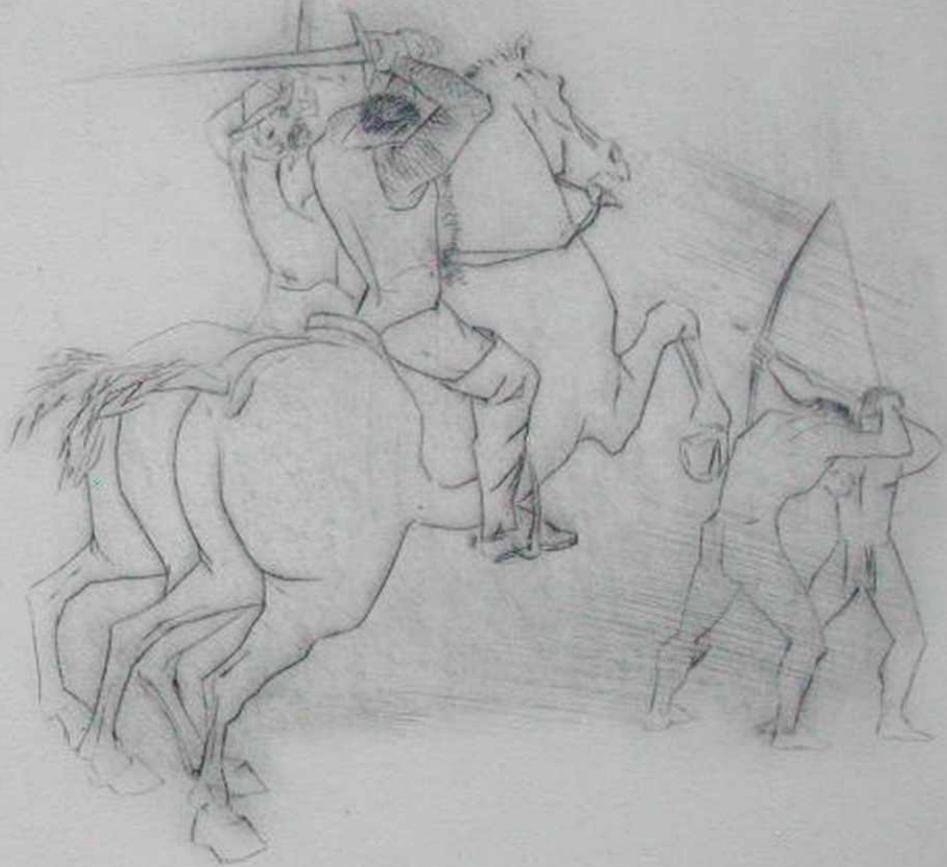
Engrossava a invasão. Como a enchente bravia,

Que sobre as terras, palmo a palmo, abre o lençol

Da agua devastadora, os brancos avançavam:

E os teus filhos de bronze ante elles recuavam,

Como a sombra recua ante a invasão do sol.



Já nas faldas da serra apinhavam-se aldeias;
Levantava-se a cruz sobre as alvas areias,
Onde, ao brando mover dos leques das jussáras,
Vivera e progredira a tua gente forte...
Soprara a destruição, como um vento de morte,
Desterrando os pagês, abatendo as cahças.



Mas além, por detraz das broncas serranias,

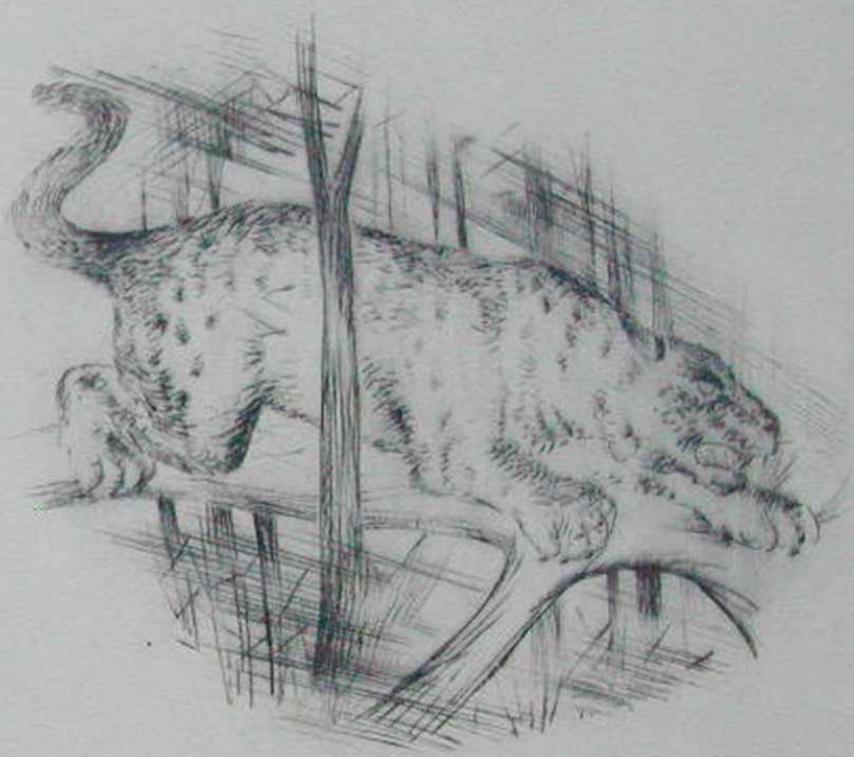
Na cerrada região das florestas sombrias,

Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,

Alastravam no céu leguas de rama escura;

Nos mattagaes, em cuja horrivel espessura

Só corria a anta leve e uivava a onça feroz;



Além da aspera brenha, onde as tribus errantes

À sombra maternal das arvores gigantes

Acampavam; além das socegadas aguas

Das lagóas, dormindo entre aningaes floridos;

Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,

Mordendo os alcantis, roncando pelas fraguas;



Ahi, não ia ecoar o esturpido da luta...

E, no seio nutriz da natureza bruta,

Resguardava o pudor teu verde coração!

Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,

Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando

Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!



II



P

ara o norte inclinando a lombada brumosa,

Entre os nateiros jaz a serra misteriosa;

A azul Vupabussú beija-lhe as verdes faldas,

E águas crespas, galgando abysmos e barrancos

Atulhados de prata, humedecem-lhe os flancos

Em cujos socavões dormem as esmeraldas.



V

erde sonho!... é a jornada ao paiz da Loucura!

Quantas bandeiras já, pela mesma aventura

Levadas, em tropel, na ancia de enriquecer!

Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada

Brenha rude, o luar beija á noite uma ossada,

Que vêm, a uivar de fome, as onças remexer...





ue importa o desamparo em meio do deserto,
E essa vida sem lar, e esse vaguear incerto
De terror em terror, lutando braço a braço
Com a inclemencia do céu e a dureza da sorte?
Serra bruta! dar-lhe-has, antes de dar-lhe a morte,
As pedras de Cortez que escondes no regaço!



E sete annos, de fio em fio destramando

O mysterio, de passo em passo penetrando

O verde arcano, foi o bandeirante audaz...

Marcha horrenda! derrota implacavel e calma,

Sem uma hora de amor, estrangulando na alma

Toda a recordação do que ficava atraz!

Biblioteca Universitaria
155C-
25C



A cada volta, a Morte, afiando o olhar faminto,
Incançavel no ardil, rondando o labyrintho
Em que ás tontas errava a bandeira nas mattas,
Cercando-a com o crescer dos rios iracundos,
Espião-a no pendor dos boqueirões profundos,
Onde vinham ruir com fragor as cascatas.



Aqui, tapando o espaço, entrelaçando as grenhas

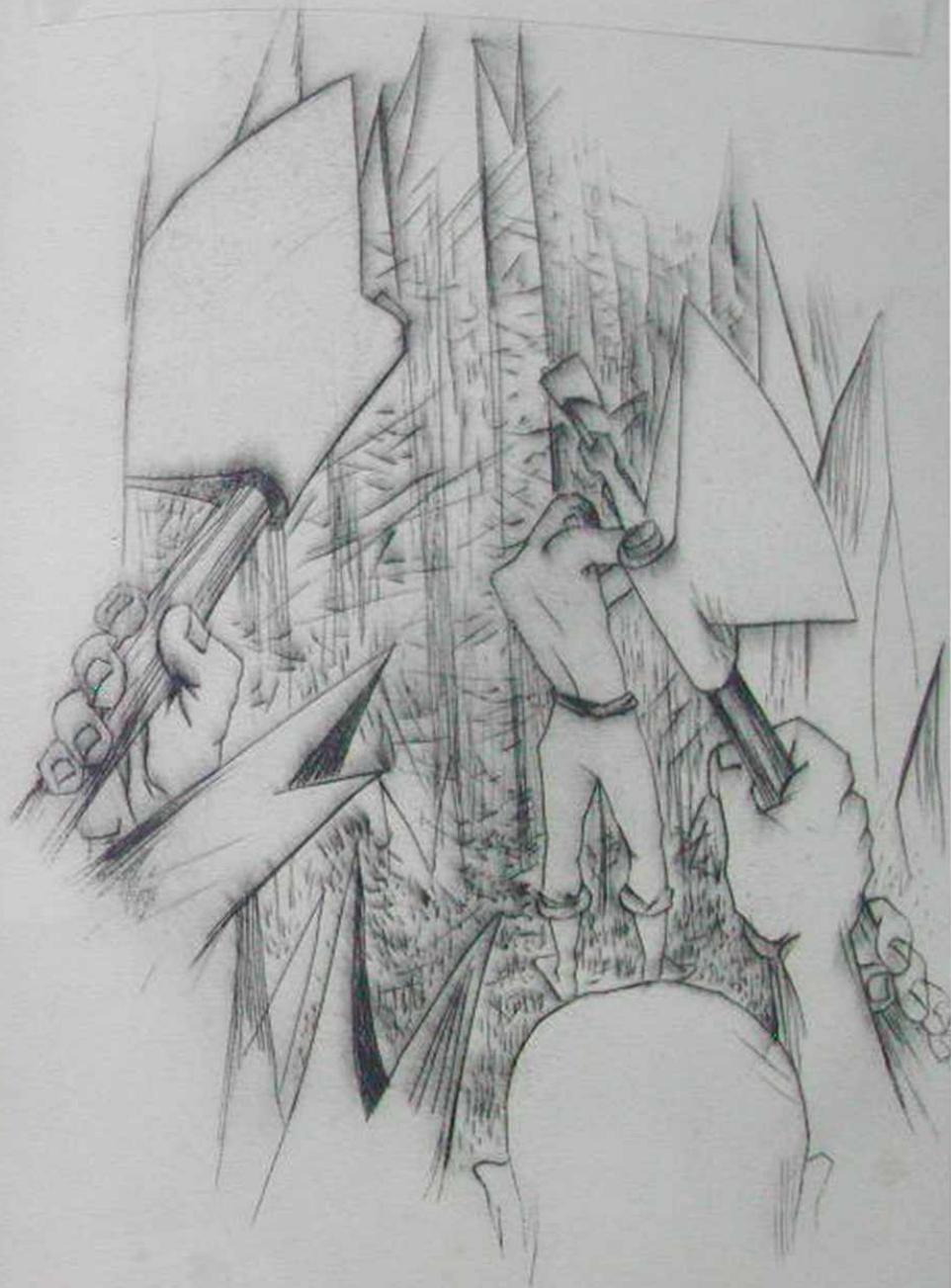
Em negros paredões, levantavam-se as brenhas,

Cuja muralha, em vão, sem a poder dobrar,

Vinham acometter os temporaes, aos roncoss;

E os machados, de sol a sol mordendo os troncos,

Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar.



D

entro, no frio horror das balseiras escuras,

Viscosas e oscillando, humidas colgaduras

Pendiam de cipós na escuridão nocturna;

E um mundo de reptis silvava no negrume;

Cada folha pisada exhalava um queixume,

E uma pupilla má chispava em cada furna.



D

epois, nos chapadões, o rude acampamento:

As barracas, voando em frangalhos ao vento,

Ao granizo, à invernada, à chuva, ao temporal...

E quantos d'elles, nús, sequiosos, no abandono,

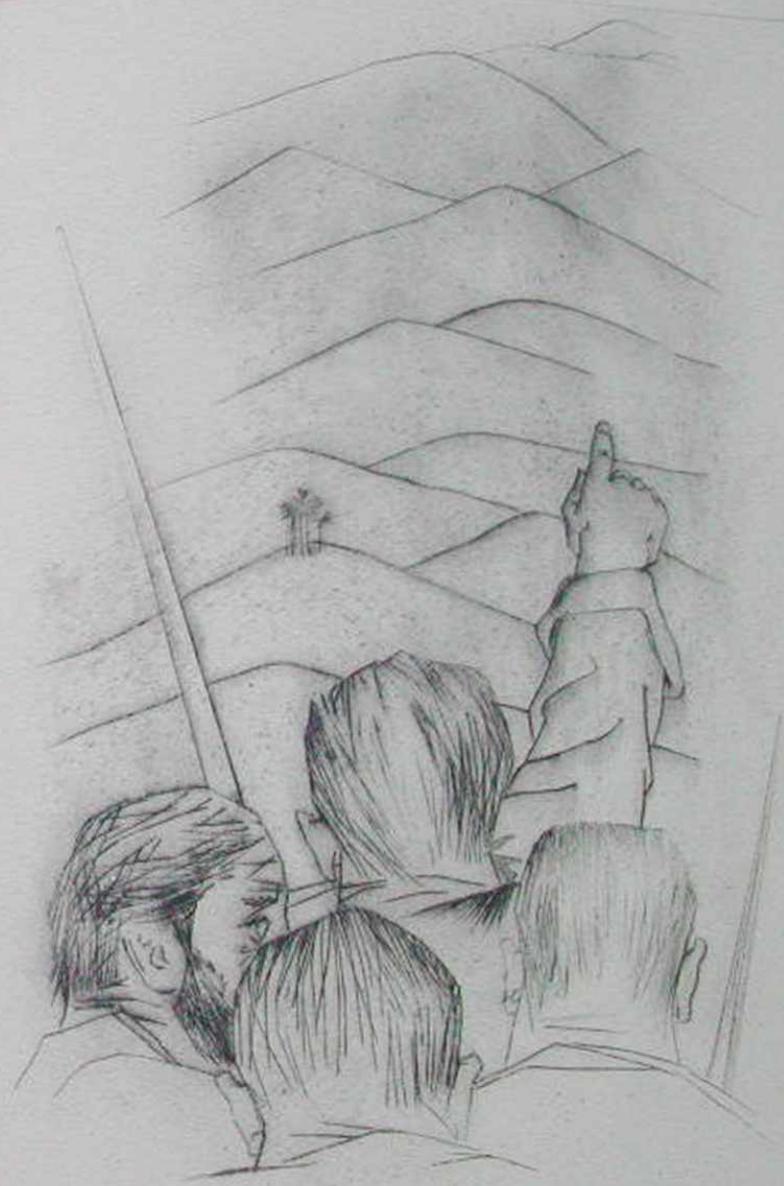
Iam ficando atraz, no derradeiro somno,

Sem chegar ao sopé da collina fatal!





ue importava? Ao clarear da manhã, a companha
Buscava no horizonte o perfil da montanha...
Quando appareceria enfim, vergando a espalda,
Desenhada no céo entre as neblinas claras,
A grande serra, mãe das esmeraldas raras,
Verde e faiscante como uma grande esmeralda?



Avante! e os aguaçaes seguiam-se ás florestas...

Vinham os lamarões, as leziras funestas,

De agua paralyzada e decomposta ao sol,

Em cuja face, como um bando de fantasma,

Erravam dia e noite as febres e os miasmas,

Numa ronda lethal sobre o pôdre lençol.



Agora, o aspero morro, os caminhos fragosos...

Leve, de quando em quando, entre os troncos nodosos

Passa um plumeo cocar, como uma ave que voa...

Uma flecha, subtil, silva e zarguncha... É a guerra!

São os índios! Retumba o echo da bruta serra

Ao tropel... É o estridor da batalha rebôa.



D

epóis, os ribeirões, nas levadas, transpondo
As ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo
Inchando em macaréos o seio destruidor,
E desenraizando os troncos seculares,
No esto da alluvião estremecendo os ares,
E indo torvos rolar nos valles com fragor...



Sete annos! combatendo indios, febres, paludes,

Feras, reptis, contendo os sertanejos rudes,

Dominando o furor da amotinada escolta...

Sete annos!... E eis-o volta, enfim, com o seu thesouro!

Com que amor, contra o peito, a saccola de couro

Aperta, a transbordar de pedras verdes! volta...



Mas num desvão da matta, uma tarde, ao sol posto,

Pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto...

É a febre! O Vencedor não passará d'alli!

Na terra que venceu ha-de cair vencido:

É a febre: é a morte! E o Heróe, tropego e envelhecido.

Roto, e sem forças, cõe junto do Guaycuhy...



III

Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento

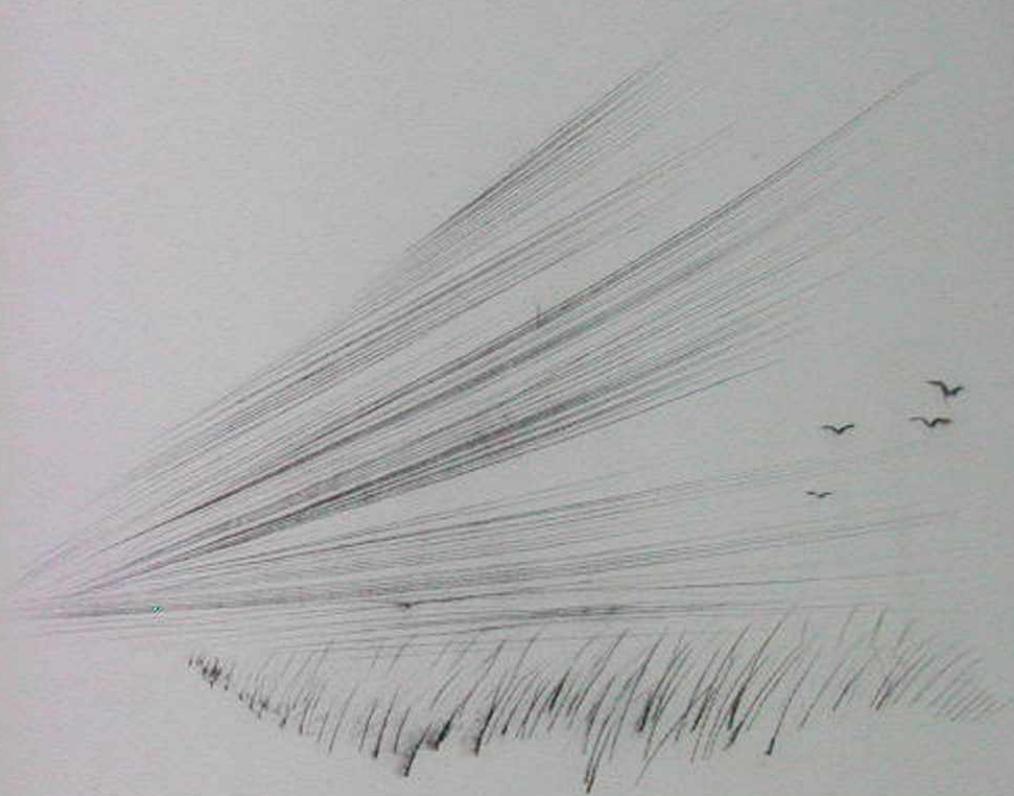
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.

Mugem soturnamente as águas. O céu arde.

Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,

Na mesma solidão e na mesma hora triste,

À agonia do herói e à agonia da tarde.



P

iam perto, na sombra, as aves agoireiras.

Silvam as cobras. Longe, as feras carniceiras

Uivam nas lapas. Desce a noite, como um véo...

Pallido, no pallor da luz, o sertanejo

Estorce-se no crebro e derradeiro arquejo.

Fernão Dias Paes Leme agoniza, e olha o céu.





Olha! esse ultimo olhar ao firmamento! A vida

Em surtos de paixão e febre repartida,

Toda, num só olhar, devorando as estrellas!

Esse olhar, que são como um beijo da pupilla,

Que as implora, que bebe a sua luz tranquilla,

Que morre... e nunca mais, nunca mais ha-de vel-as!



El-as todas, enchendo o céu, de canto a canto...

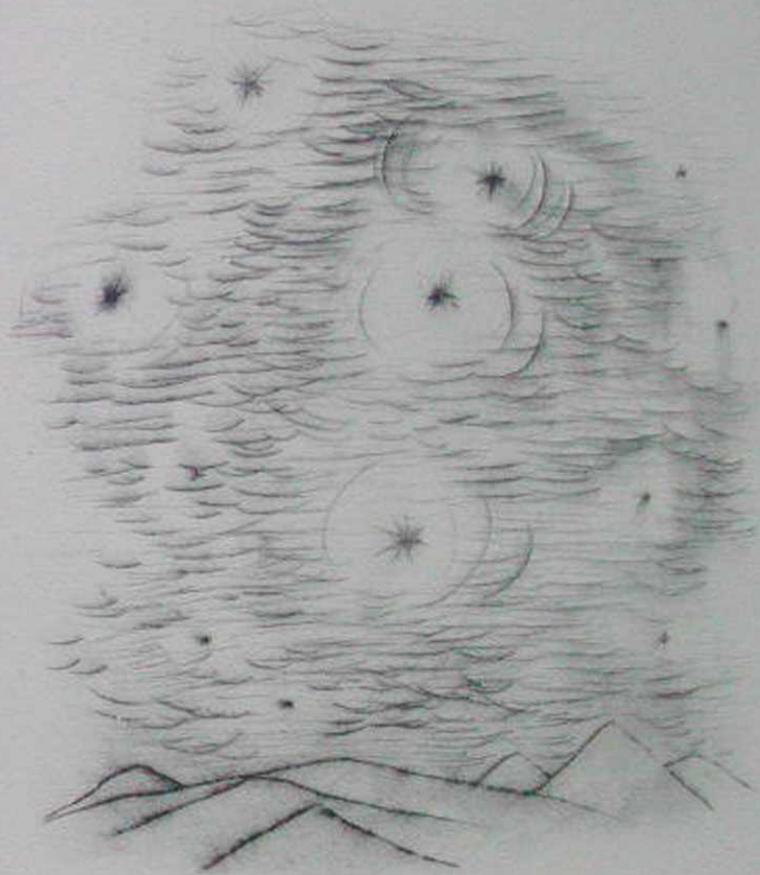
Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto,

Tanta constelação pela planície azul!

Nunca Venus assim fulgiu! Nunca tão perto,

Nunca com tanto amor sobre o sertão deserto

Pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!



N

oites de outr'ora!... Enquanto a bandeira dormia
Exhausta, e aspero o vento em derredor zunia,
E a voz do nóitibó soava como um agouro,
Quantas vezes Fernão, do cabeça de um monte,
Via lenta subir do fundo do horizonte
A clara procissão d'essas bandeiras de ouro!



Adeus, astros da noite! Adeus, frescas ramagens

Que a aurora desmanchava em perfumes selvagens!

Ninhos cantando no ar! suspensos gynecêos

Resoantes de amor! outonos bemfeitores!

Nuvens e aves, adeus! adeus, feras e flores!

Fernão Dias Paes Leme espera a morte... Adeus!





Sertanista ousado agoniza, sósinho...

Empasta-lhe o suor a barba em desalinho;

E com a roupa de couro em farrapos, deitado,

Com a garganta afogada em uivos, ululante,

Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante

Jaz por terra, á feição de um tronco derribado...



Eo delirio começa. A mão, que a febre agita,
Ergue-se, treme no ar, sóbe, descamba afflicta,
Crispa os dedos, e sonda a terra, e escarva o chão:
Sangra as unhas, revolve as raizes, acerta,
Agarra o sacco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta,
Como para o enterrar dentro do coração.



Ah! misero demente! o teu thesouro é falso!

Tu caminhaste em vão, por sete annos, no encalço

De uma nuvem falaz, de um sonho malfazejo!

Enganou-te a ambição! mais pobre que um mendigo,

Agonizas, sem luz, sem amor, sem amigo,

Sem ter quem te conceda a extrema-uncção de um beijo!



E foi para morrer de canção e de fome,

Sem ter quem, murmurando em lágrimas teu nome,

Te dê uma oração e um punhado de cal,

Que tantos corações calcaste sob os passos,

E na alma da mulher que te estendia os braços

Sem piedade lançaste um veneno mortal!



Eeil-a, a morte! e eil-o, o fim! A pallidez augmenta;

Fernão Dias se esváe, numa syncope lenta...

Mas, agora, um clarão illumina-lhe a face:

E essa face cavada e magra, que a tortura

Da fome e as privações maceraram, fulgura,

Como se a aza ideal de um archanjo a roçasse.



W



A
doça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso;

Leve, na bocca afflante, esvoaça-lhe um sorriso...

E adelgaça-se o véo das sombras. O luar

Abre no horror da noite uma verde clareira.

Como para abraçar a natureza inteira,

Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...



V

erdes, os astros no alto abrem-se em verdes chammas;

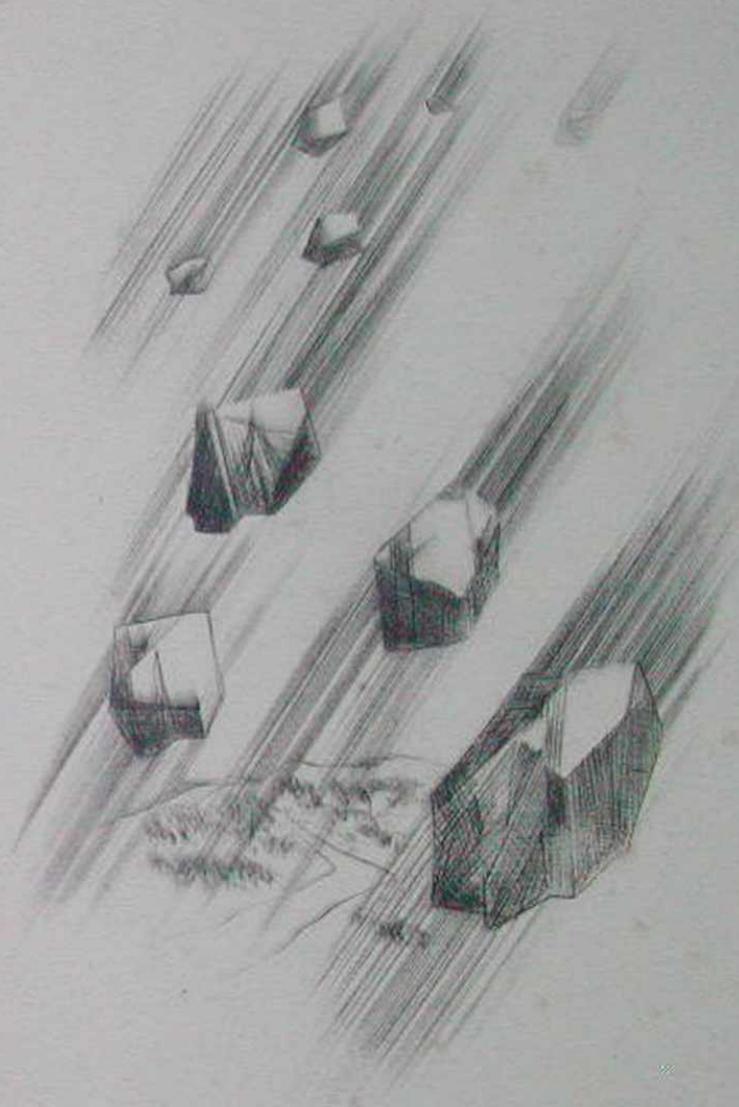
Verdes, na verde matta, embalançam-se as ramas;

E flores verdes no ar brandamente se movem,

Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio;

Em esmeraldas flúe a agua verde do rio,

E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...



E é uma ressurreição! O corpo se levanta:

Nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta!

E esse destroço humano, esse pouco de pó

Contra a destruição se aferra á vida, e luta,

E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta

A voz, que na solidão só elle escuta, só:

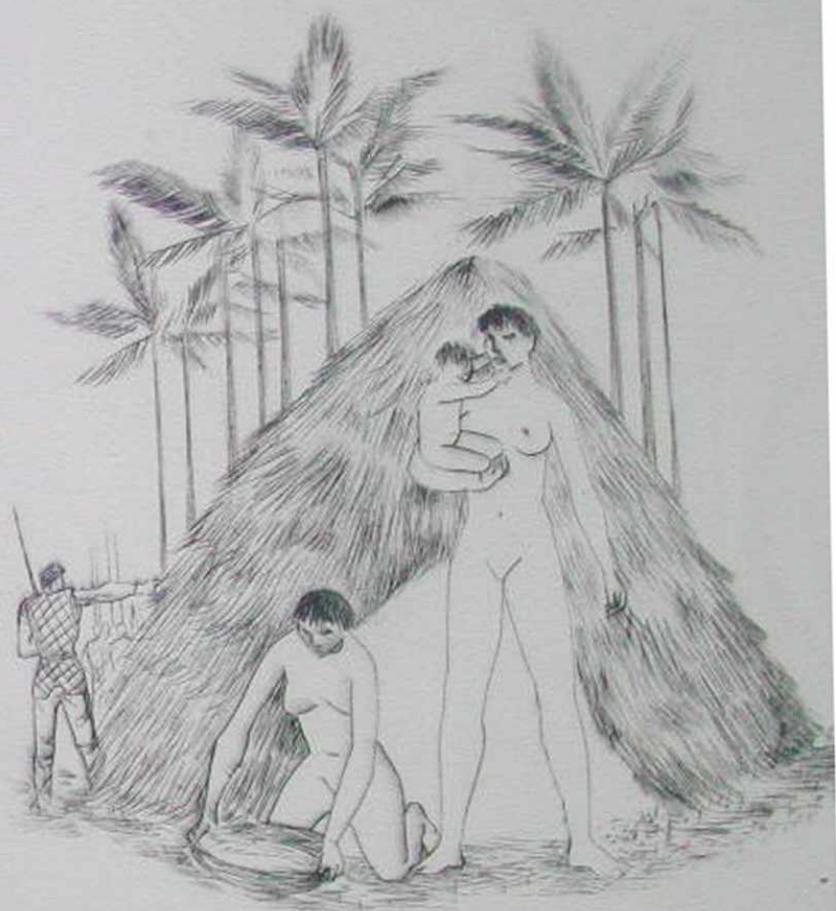


Morre! morrem-te às mãos as pedras desejadas,
Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...
Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!
Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,
Como um grande collar de esmeraldas gloriosas,
As tuas povoações se estenderão fulgindo!





Quando do acampamento o bando peregrino
Sahia, ante manhã, ao sabor do destino,
Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,
No comoro de terra, em que teu pé poisára,
Os colmados de palha aprumavam-se, e clara
A luz de uma lareira espancava o arredor.



Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,

Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:

Cada passada tua era um caminho aberto!

Cada pouso mudado, uma nova conquista!

E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,

Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!



Morre! tu viverás nas estradas que abriste!

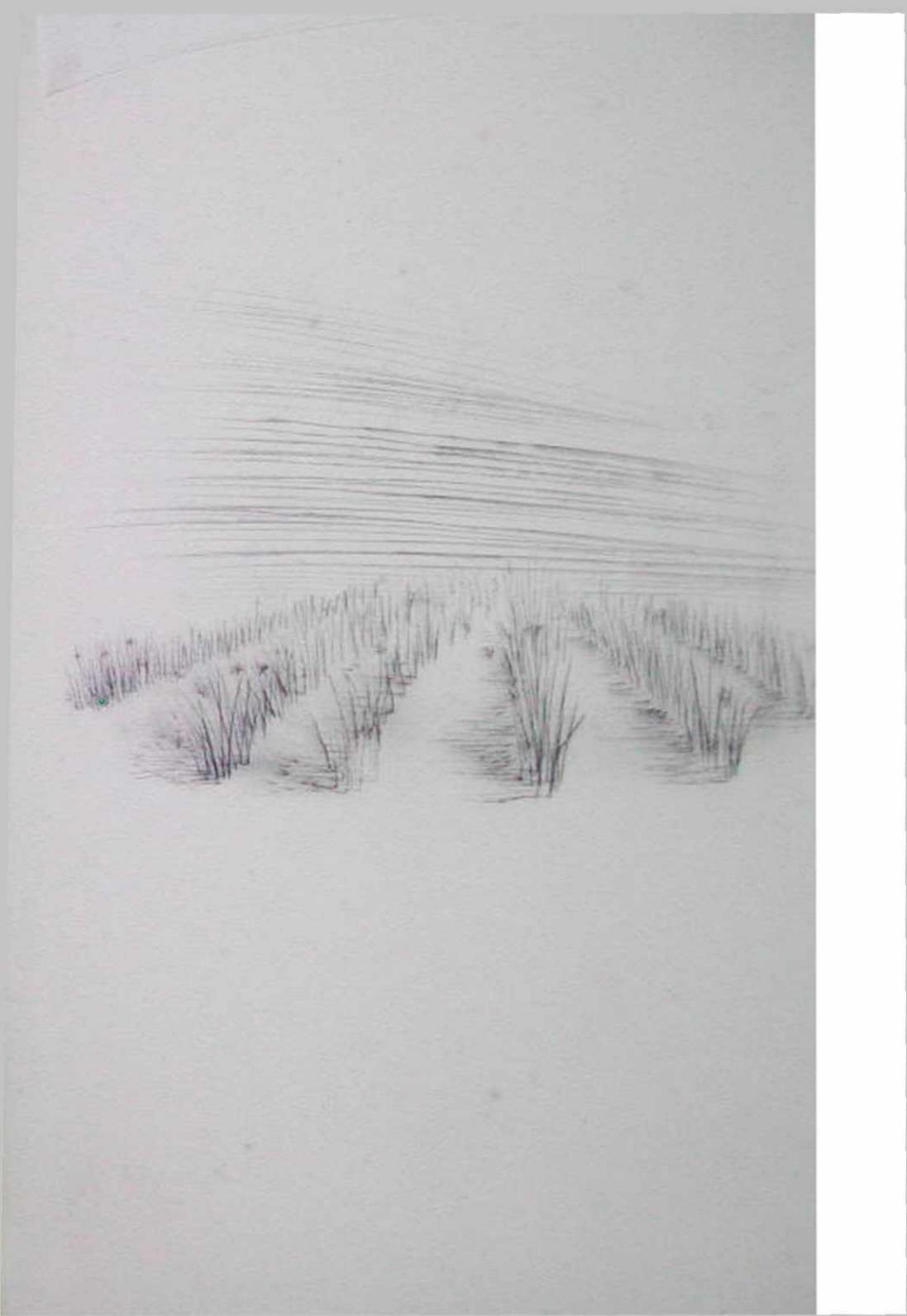
Teu nome rolará no largo choro triste

Da água do Guaycuhy... Morre, Conquistador!

Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares

Subires, e, nutrindo uma árvore, cantares

Numa ramada verde entre um ninho e uma flôr!



Morre! germinarão as sagradas sementes

Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!

Hão-de fructificar as fomes e as vigílias!

E um dia, povoada a terra em que te deitas,

Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,

Quando, aos beijos de amor, crescerem as familias,



T

u cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,

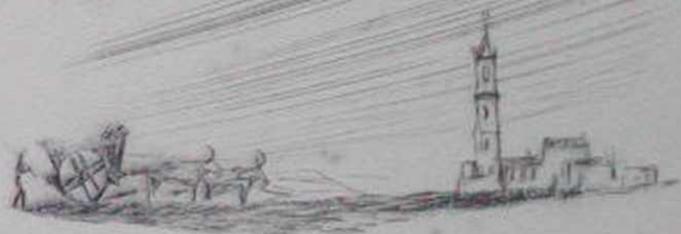
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,

No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!

E, subjugando o olvido, atravez das idades,

Violador de sertões, plantador de cidades,

Dentro do coração da patria viverás!



Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.

Agora, a deslizar pelo arvoredado mudo,

Como um choro de prata algente o luar escorre.

E sereno, feliz, no maternal regaço

Da terra, sob a paz estrellada do espaço,

Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.





O CAÇADOR DE ESMERALDAS

de Olavo Bilac

ilustrado com 51 gravuras a buril sobre cobre
de Enrico Bianco

Sexta das publicações da
Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil
e relativa ao ano de 1949

Texto composto á mão em Caslon Romano corpo vinte
e impresso em prelos manuais nas oficinas da
Grafica de Artes S. A. do Rio de Janeiro
sob a direção de Luiz Portinari
por Oswaldo Cactano da Silva e Cleanthes Gravini

Tiragem unica de cento e dezenove exemplares em papel Arches
Iniciada em 2 de Novembro de 1950
terminada em 18 de Agosto de 1951
As placas de cobre que serviram para a illustração
foram inutilizadas

SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

Comissão Executiva

S. A. I. e R. Dom Pedro de Orléans e Bragança
Raymundo Ottoni de Castro Maya Cypriano Amoroso Costa
Ricardo Xavier da Silveira